

ARTIGOS

A importância da etapa preliminar de campo sistematizada pela Resolução nº510 do CNS para definição das Bases de uma Pesquisa Psicossocial

The importance of preliminary fieldwork systematized by the CNS Resolution nº 510 in defining the Foundations of Psychosocial Research

Rosa L. M. Valim¹, Tania M. F. B. Maciel²

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-2770.v23i1p11-20>

Valim RLM, Maciel TMFB. A importância da etapa preliminar de campo sistematizada pela Resolução nº510 do CNS para definição das Bases de uma Pesquisa Psicossocial. Saúde, Ética & Justiça. 2018;23(1):11-20.

RESUMO: A resolução nº510, do Conselho Nacional de Saúde, de 7 de abril de 2016, no capítulo V, artigo 24º, estabelece que as etapas preliminares ao campo não precisam ser aprovadas por comitê de ética, mas devem primar pela avaliação da viabilidade para a realização da pesquisa. Entretanto, muitos pesquisadores não estão cientes da existência desta etapa, ou de suas características. O presente artigo procura exemplificar a importância desta etapa preliminar de campo para a modelagem da problemática, da axiomática e dos caminhos metodológicos de um projeto de pesquisa relacionado à temática de resistência das integrantes da Associação de Mulheres de Vila Canoas e Pedra Bonita às representações oblíquas e estigmatizadas dos que adentram a favela de Vila Canoas para realizar registros dos moradores locais em suas esferas ou espaços íntimos, pessoais, sem prévia autorização, a partir de ângulos parciais ou distorcidos – especialmente graças ao turismo de favela. Para a estruturação deste artigo e comprovação da validade desta etapa preliminar, relata-se a visita preliminar à comunidade que serviu de campo para esta pesquisa. Para além da visita, ocorreram conversas com uma das lideranças locais. As conversas transcorreram livres de conjecturas ou registros, uma vez que a ideia era averiguar as condições necessárias à realização da pesquisa.

DESCRITORES: Ecologia Social; Meio Ambiente; Ética.

-
1. Doutoranda do Programa EICOS (Programa de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: rvalim@globocom.com.
 2. Professora Doutorado Programa EICOS (Programa de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: taniabm@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Pesquisas de cunho social, quando em campo, acabam, muitas vezes, sendo forçadas à revisão de aspectos basilares, o que tende a gerar reveses e atrasos nos projetos de pesquisa. Isto se deve ao fato de que o pesquisador social só pode – ou deve – ir a campo após a validação de seu projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição à qual se vincula (ou, caso sua instituição não possua tal comitê, ao comitê de instituição próxima, que se disponha a proceder tal avaliação) e, para realizar esta solicitação de validação, precisa sistematizar os elementos fundantes do projeto antes de ir a campo. A necessidade da construção de aspectos basilares de um projeto social em um momento preliminar à prática de campo propriamente dita, quando se têm poucas informações tácitas do campo, gera um paradoxo, que por muito tempo assombrou pesquisas e pesquisadores sociais. Entretanto, a Resolução nº510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, trouxe luzes para esta situação. Tal resolução, em seu capítulo V, artigo 24º, autoriza a realização de etapas preliminares ao campo, com o objetivo de averiguação das condições necessárias à realização de uma pesquisa. Esta etapa não deve ser confundida com etapas já pertencentes ao projeto de pesquisa, como os “estudos exploratórios” ou as “pesquisas piloto”, que devem ser considerados como partes integrantes dos projetos de pesquisas. Incluem-se, nas etapas preliminares, entre outras ações, investigação documental e visitas à comunidade, além de contatos diretos com possíveis participantes e conversas com lideranças comunitárias – sem sua identificação e sem o registro público e formal das informações assim obtidas¹.

Este artigo tenciona apresentar os pormenores da etapa preliminar de campo de um projeto de doutorado, para desmistificar esta etapa ainda pouco conhecida ou difundida, mas tão relevante para a delimitação de sólidos elementos estruturantes de pesquisas sociais.

O campo da pesquisa que deu origem a este artigo, a comunidade de Vila Canoas, situa-se em São Conrado (Rio de Janeiro, capital), que, de acordo com o Censo do IBGE de 2010, abrigava 758 pessoas². Vila Canoas, apesar de pequena, dada a sua extensão territorial de aproximadamente 3,3 hectares (a título de comparação, sua vizinha Rocinha possui aproximadamente 135 hectares de área) apresenta coletivos bem organizados^{3,4}. Dentre eles, destacam-se a Associação de Moradores e Amigos de Vila Canoas e Pedra Bonita (AMAVICA), a Associação de Mulheres de Vila Canoas e Pedra Bonita e o Centro de Integração Comunitária (CIC)⁵.

Dentre os aspectos objetivos que conduziram o projeto de pesquisa que deu origem a este artigo, a escolha pela realização do trabalho na Associação de Mulheres do campo em questão está baseada no fato

de que tal Associação possui lideranças comunitárias atuantes e articuladas no combate à expansão do tráfico de drogas e à violência contra a mulher; também promove prospecção de oportunidades e fechamento de parcerias para o desenvolvimento de projetos sustentáveis, com diversas ONGs, Universidades, empresas e até mesmo com o município e com o estado do Rio de Janeiro. Todavia, destaca-se que este coletivo, apesar de tentar, não consegue dar conta dos três pontos de tensão latentes relacionados à inserção e representação da comunidade no espaço da cidade, a saber: a primeira relaciona-se ao chamado “turismo de favela”, a segunda relaciona-se à água e a terceira, à identidade cultural dos locais^{3,6}.

A seguir, encontram-se sistematizados os caminhos metodológicos (tomados pela pesquisadora que aqui escreve para o desenvolvimento da etapa preliminar de campo, com vistas a subsidiar projeto de tese posteriormente), dados históricos, territoriais e psicossociológicos obtidos a partir de pesquisas bibliográficas, bem como dados oriundos desta etapa preliminar de campo: dados documentais e registros provenientes de conversas com liderança comunitária local e com pesquisadora que já desenvolveu trabalho no campo em questão. Estes dados tornaram-se achados de campo – e foram vitais para o delineamento correto de toda a pesquisa de tese que se sucedeu. Afirma-se aqui: as informações coletadas a partir das pesquisas bibliográficas foram importantes, assim como as oriundas da etapa preliminar de campo. Foi a conjugação destas informações que permitiu o delineamento da problemática, da axiomática e dos caminhos metodológicos desta pesquisa.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, pesquisas bibliográficas primária e secundária foram realizadas. Livros, bem como artigos, dissertações de mestrado, pesquisas de tese e documentos oficiais de projetos que se desenrolaram no campo desta pesquisa – Vila Canoas – foram consultados e subsidiaram todas as informações apresentadas no item 3 deste artigo. Após captação e sistematização deste material, decidiu-se esboçar contornos axiomáticos relativos à pesquisa. Todavia, tais contornos revelavam-se frágeis e incompletos, uma vez que careciam de informações tácitas. Foi exatamente por conta desta situação que se decidiu buscar aportes do campo. Mas não se desejava transpor barreiras éticas e, para tanto, fazia-se mister obter a autorização do comitê de ética em pesquisa da instituição à qual o projeto de tese que deu origem a este artigo se vincula. Entretanto, a pesquisadora tinha a convicção de que, uma vez que fosse ao campo, acabaria obtendo informações que a levariam a alteração de tais

contornos da pesquisa. Tais alterações fariam com que a pesquisa precisasse ser submetida à nova avaliação do comitê de ética posteriormente. Este embaraço, de fato, não foi vivenciado apenas por esta pesquisadora, mas assombrou, por muito tempo, pesquisas de cunho social e pesquisadores.

Felizmente este impasse foi resolvido pela resolução nº 510, do Conselho Nacional de Saúde, de 7 de abril de 2016, que, ao dispor sobre normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, acaba por sistematizar as etapas preliminares de uma pesquisa. No Art. 24 do Capítulo V da mencionada resolução, lê-se: “todas as etapas preliminares necessárias para que o pesquisador elabore seu projeto não são alvo de avaliação do sistema CEP/CONEP”¹. E o Inciso XII, do Artigo 2º, do Capítulo I desta resolução, esclarece qualquer dúvida a respeito do que seriam estas etapas preliminares de campo: “(...) são assim consideradas as atividades que o pesquisador tem que desenvolver para averiguar as condições de possibilidade de realização da pesquisa, incluindo investigação documental e contatos diretos com possíveis participantes, sem sua identificação e sem o registro público e formal das informações assim obtidas; não devendo ser confundidas com “estudos exploratórios” ou com “pesquisas piloto”, que devem ser consideradas como projetos de pesquisas. Incluem-se nas etapas preliminares as visitas às comunidades, aos serviços, as conversas com liderança comunitárias, entre outros”¹.

Com o intuito de explicitar-se a importância da etapa preliminar de campo para definição das bases de uma pesquisa psicossocial, optou-se por expor, de maneira ilustrativa, tal etapa de uma pesquisa de tese – de cunho psicossocial – respeitando os pressupostos da resolução nº 510 do CNS. Os percursos tomados para a realização dessa fase encontram-se apresentados no item 4 deste artigo.

DADOS ORIUNDOS DE PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL

Aspectos históricos e territoriais

Até final da década de 1889, quando da Proclamação da República no Brasil, a região de São Conrado se chamava Freguesia da Gávea; era composta de praia e manguezais e abrigava grandes fazendas para cultivo de café. A abertura da Estrada da Gávea e da Avenida Niemeyer, no final do século XIX, viabilizou acesso à região, mas a ocupação da área permaneceria parca por bom tempo, porque os planos de urbanização da cidade do Rio de Janeiro, propostos pela Nova República, retomavam a ideia de incentivo ao desenvolvimento das zonas central e norte da cidade – como já concebido pelo império⁷. A região foi nomeada São Conrado apenas em

1903, em homenagem à igreja homônima, construída por Conrado Jacob Niemeyer, devoto do Santo, para ser frequentada pelos membros das famílias abastadas que residiam nas chácaras da região.

A era das grandes fazendas entrou em declínio. Aos poucos, as fazendas da região começaram a ser vendidas, e loteamentos começaram a surgir, mas a igreja persistiu⁸.

No início da década de 1920, ingleses e escoceses compraram uma grande área da região e fundaram o Gávea Golf & Country Club, que, a partir dos anos 40, passou a permitir a construção de casas para funcionários em seu terreno, subdividindo uma pequena parte de sua área – entre o Caminho das Canoas e o rio – em pequenos lotes. Funcionários que deixassem de trabalhar no clube precisavam deixar as casas, mas quando não tinham para onde ir, dirigiam-se à íngreme área vazia ao sul de Pedra Bonita, entre o Caminho da Canoa e o Rio Canoas, também de propriedade do Gávea Golf & Country Club⁸. Nascia, assim, o embrião que daria, mais tarde, origem à comunidade de Vila Canoas^{9,10}. A Comunidade de Vila Canoas surgiria, de fato, apenas no início da década de 1960. Foi nessa época que a ocupação da área se tornou desordenada e vultosa, inicialmente graças à intensificação do processo de industrialização do Brasil^{7,11}.

Vila Canoas viveria ainda, antes do século XXI, dois outros ciclos de desordenado crescimento: um em 1970, por conta da abertura de importantes vias de acesso à região (o túnel Dois Irmãos, atual Zuzu Angel, e a autoestrada Lagoa-Barra) e, entre 1980 e 1990, quando ocorre a segunda migração em massa de retirantes nordestinos para a capital, fugindo da pobreza e da fome, na busca por oportunidades que, após a primeira onda de migração (que teve seu ápice em 1960), se escassearam nas capitais⁸. Os contornos da Comunidade, limitados pela topografia da área, cessaram a expansão na década de 1980 (Figura 1).

Entretanto, tem-se, a partir de 1980, a verticalização da comunidade, que, impossibilitada de expandir-se para os lados, subiu⁷. A planta baixa que a comunidade apresenta hoje foi, assim, estabelecida há quase 40 anos.

A comunidade de Vila Canoas, devido à sua localização privilegiada (incrustada no meio do nobre bairro de São Conrado) e à limitação topográfica e espacial (imposta a ela por uma série de leis e decretos que limitam o gabarito das casas), acaba sentindo os impactos da elevada especulação imobiliária que se instaurou na cidade do Rio de Janeiro nos anos que precederam a Copa do Mundo – em 2014 – e as Olimpíadas – em 2016^{13,14}. Hoje, as casas de Vila Canoas ocupam toda a encosta do morro da Floresta da Tijuca e representam um marco visual na paisagem do bairro de São Conrado. Sua ocupação deu-se de maneira informal; assim, o conjunto de leis e decretos que incide sobre a área nunca foi efetivamente respeitado.



Figura 1. Recorte de mapa do Rio de Janeiro, da região de São Conrado. A Comunidade de Vila Canoas aparece destacada em vermelho – entre o Gávea Golf & Country Club e a Estrada das Canoas¹²

Aspectos psicossociológicos a partir de dados bibliográficos

Da década de 1950 até a década de 1970, a população de Vila Canoas, em decorrência dos programas oficiais de remoção de favelas, viveu sob o signo da preocupação de que suas residências poderiam ser demolidas a qualquer momento. Esta realidade levou os integrantes da comunidade, na década de 1970, a buscarem organização para resistência, para que juntos obtivessem representatividade junto ao poder público. Dentro deste contexto, surge a AMAVICA, que, em sua gênese, contou com o apoio da Pastoral de Favelas. Nessa época, por meio de mutirões comunitários, desenvolveram-se esforços para a construção de casas de alvenaria, mais resistentes, menos suscetíveis a remoções ou queimadas. Este movimento de resistência social uniu os integrantes da comunidade e revelou lideranças³.

Outro coletivo social que se destaca na comunidade intitula-se União de Mulheres, também chamado de Associação de Mulheres de Vila Canoas e Pedra Bonita. Em 2003, as mulheres da comunidade, vencidas na sua primeira postulação à presidência da AMAVICA, passaram a cobrar espaço político para a discussão de agendas mais adequadas aos tempos atuais, tais como: geração de renda a partir de trabalho artesanal e/ou domiciliar, violência intrafamiliar e comunitária e formas associativas alternativas³. A Associação de Mulheres constitui-se em 2003 como um coletivo sociopolítico crítico alternativo. A mobilização para a criação deste coletivo deu-se de maneira informal, mas emblemática. As mulheres da comunidade foram convidadas a participar da primeira reunião na praça local, e dezesseis compareceram. Dois

foram os temas da primeira reunião: “estratégias de organização para geração de renda com o artesanato produzido na comunidade” e “táticas para juntar dinheiro para os projetos sociais a serem promovidos pela União de Mulheres”. As mulheres se encontraram na praça local e começaram a conversar enquanto produziam, em conjunto, uma colcha de retalhos. As dezesseis mulheres que participaram da primeira reunião continuam ligadas à União de Mulheres, que hoje já conta com cinquenta integrantes^{3,15}.

Por fim, tem-se o Centro de Integração Comunitária (CIC), que foi fundado em junho de 2006 por pessoas ligadas à Pastoral da Criança e por integrantes do jornal comunitário Fala Canoa com o propósito de integrar e consolidar atividades socioculturais locais, com aulas de balé, de hip-hop, de inglês, etc., que já ocorriam de maneira independente, mas que precisavam de um espaço físico para amparo. Coordenado majoritariamente por mulheres que ali trabalham de maneira voluntária, o CIC ocupa, desde o início, o prédio da Prefeitura que antes abrigava o Centro Social Marista Santa Isabel – CEMASI⁵.

Estes três coletivos promovem ações socioculturais diversas, tratam de agendas críticas e conferem diferencial a esta comunidade que se destaca das vizinhas por conta dos projetos que granjeia – das iniciativas privada e pública –, mas não conseguiriam dar conta dos três pontos de tensão presentes na comunidade, relacionados à inserção e representação desta no espaço da cidade, a saber: o chamado “turismo de favela”, à água e à identidade cultural dos locais³.

Atividade lucrativa que se espalhou por diversas comunidades da periferia carioca nos últimos anos, o

“turismo de favela”, em Vila Canoas, é explorado por pessoas de fora e percebido, pelos locais, com reservas, pois, vez por outra, os turistas que por ali passam acabam invadindo esferas ou espaços íntimos, pessoais (termo aqui usado em contraposição ao termo espaço público; de acordo com Habermas, espaço privado está relacionado com a casa, com a esfera pessoal, com o que não se deve ou deseja mostrar), realizando, muitas vezes, registros a partir de ângulos parciais ou distorcidos, sem prévia autorização^{16,17}.

Segundo Acioli¹⁸, o “turismo de favela”, como vem se dando, desvaloriza os moradores das comunidades visitadas, na medida em que se constitui a partir de um “olhar” preconcebido e pouco permeável à realidade dos moradores. Assim, a vida nestas comunidades torna-se objeto de consumo, disposto para ser observado, consumido com os olhos, não com respeito, mas, antes, com uma curiosidade social primitiva, por seu “exotismo”. Esse turismo é, em última instância, desqualificador.

O desconforto dos moradores da comunidade em relação a esta prática seria agravado pelo fato de que estes não perceberiam, efetivamente, benefícios advindos deste turismo. Não teria ocorrido geração de emprego ou renda significativa para os locais desde que a atividade começou a ser explorada na comunidade, e o estado das coisas agravar-se-ia após a constatação de que a única ONG presente em Vila Canoas teria se tornado a maior beneficiária da atividade, pois sua sede, localizada em uma das principais vias de acesso da comunidade, seria utilizada como ponto para recepção dos turistas. Os poucos artesãos da comunidade que venderiam aos turistas comercializariam seus produtos através da ONG. Esta relação estabeleceria controle e ascendência da ONG sobre os locais, pois, muito embora a ONG reverta grande parte dos rendimentos com este tipo de turismo aos projetos sociais destinados a crianças e jovens locais, a intermediação da ONG acabaria determinando um fluxo de poder que reforçaria submissão e dependência dos locais³.

A água (ou melhor, águas - plural aqui empregado para representar a complexidade da questão) representaria outro ponto nevrálgico de Vila Canoas. A complexidade seria proveniente do fato de que as águas permeariam aspectos diversos da vida dos locais e interfeririam na saúde e na sustentabilidade da comunidade. Cada um destes pontos de contato e permeabilidade encontrar-se-ia, hoje, em cheque. Em primeiro lugar, (1) a comunidade contaria com uma incipiente rede de esgoto que, há muito, tornou-se obsoleta. Entretanto, a rede continuaria a receber novos afluentes, o que, em preamar, geraria cada vez mais refluxos nos coletores da comunidade. Em segundo lugar, (2) haveria o despejo de esgotos *in natura* no Rio Canoas, sobretudo de casas e condomínios de classe média e média alta, localizados em área adjacente à comunidade. Este despejo geraria incontroversos

danos ao meio ambiente e para a saúde coletiva dos locais. Para além, tem-se que (3) o rio Canoas teria sido represado pelos proprietários das áreas privadas localizadas acima da comunidade e as comportas desta represa permaneceriam sob o controle e às expensas dos donos destas propriedades privadas superiores. Eventualmente, as comportas seriam abertas para aliviar a pressão das águas represadas; sempre que isto acontece, há inundações nas áreas mais baixas da comunidade. Os esforços dos moradores de Vila Canoas para a construção de um diálogo com esses proprietários para que houvesse uma gestão mais participativa dessas comportas teriam se mostrado malogrados. Por fim, mas não menos relevante que os outros aspectos mencionados, (4) o abastecimento de água potável às casas de Vila Canoas seria feito por sistema desenvolvido há tempos pelos proprietários das casas mais abastadas da região, sistema este de doação, ou seja, que subordinaria as águas da comunidade à gentileza para com as sobras de benfeitores. O sistema, incipiente, apresentaria descontinuidade e reclamações não seriam bem-vindas. Este embaraço geraria, no âmago dos locais, desejo de desenvolvimento de um sistema comunitário para captação de águas, a partir de mananciais de água doce da região³.

A questão identitária seria outro aspecto que mereceria atenção. Há tensão latente entre os que estão lá desde a origem e os que aderiram à comunidade após 1970. A população local compartilharia espaço geográfico, história de ocupação, índices socioeconômicos; todavia, percebe-se, a respeito dos aspectos identitários, cisão. A imaginária fronteira geográfica indicada pelo muro de sustentação das comportas do rio representaria um marco sociológico, cuja gênese poderia ser rastreada à década de 1940, à área de residência dos trabalhadores do Clube Gávea Golfe e às mansões que surgiram na sequência. As diferenças identitárias entre “os primeiros” e “os que vieram depois” reforçariam uma hierarquização histórica, relações clientelistas e paternalistas que foram, e continuam sendo, o mecanismo de controle social na região por parte dos poderosos locais³.

Achados provenientes da etapa preliminar de campo e discussão

A etapa preliminar ao campo, com o intuito de apurar as possibilidades para realização desta pesquisa, materializou-se não só na forma de pesquisa documental, mas na forma de conversas em sete dias distintos. Em 24 de dezembro de 2015, realizou-se visita à pequena praça que fica na entrada da comunidade. Posteriormente, nos dias 9 de fevereiro, 30 de março, 9 de maio e 24 de outubro de 2017, ocorreram encontros – fora da comunidade – com a líder da Associação de Mulheres. A decisão de agendar os encontros fora da comunidade

não foi fortuita, mas proposital – desta maneira, (a) conseguiu-se a plena atenção da líder, que de outra forma acabaria sendo forçada a dedicar também atenção a demandas operacionais diárias da comunidade; (b) mostrou-se respeito à comunidade, pois um primeiro contato não deve ser invasivo e, desta maneira, não o foi; (c) demonstrou-se respeito pela líder, que se sentiu valorizada ao ser ouvida em reunião privada. Por fim, no dia 19 de outubro de 2017, celebrou-se encontro com pesquisadora, conhecida de longa data, que já desenvolveu trabalho acadêmico em Vila Canoas por ocasião do desenvolvimento de sua monografia para o curso de Serviço Social de renomada instituição particular de ensino superior no Rio de Janeiro. Como sua monografia representou fonte de pesquisa (para a tese que originou este artigo) para o desenvolvimento de reflexões a respeito de Vila Canoas, desejou-se conversar com ela, ouvi-la, ouvir suas sugestões. Sublinha-se: as conversas transcorreram livres de conjecturas ou registros. Afinal, a ideia era averiguar as condições necessárias à realização da pesquisa.

Dos mencionados encontros no item 2 deste artigo (Caminhos metodológicos), alguns achados emergiram: (i) a líder comunitária estava aberta à possibilidade de receber a pesquisa na comunidade e de mobilizar-se, bem como mobilizar suas amigas de associação a responder perguntas destinadas à constituição da etapa campo deste projeto; (ii) ela gostaria de perceber retornos concretos,

por parte deste projeto, à comunidade (visto que Vila Canoas já foi campo de outras pesquisas acadêmicas, e a maior parte delas, uma vez encerradas, não retornam saberes ou benefícios tangíveis à comunidade); (iii) ‘comunidade’ é o termo que ela e as integrantes da Associação de Mulheres usam para se remeterem à Vila Canoas (a escolha pelo uso de tal termo talvez se deva ao fato de que ‘comunidade’ evoca conotação mais humana, mais familiar, e Vila Canoas, a despeito das tensões latentes, ligadas a limitações e deficiências estruturais, está impregnada por solidariedade – assim, tal termo será utilizado em respeito às integrantes da Associação de Mulheres); (iv) a entrevistada comentou que o sistema de águas e esgotos local havia sido refeito pela CEDAE e não só já não havia mais sistema de doação de águas, como o esgoto *in natura* da comunidade e condomínios adjacentes não estaria mais sendo diretamente jogado no rio; (v) a líder da Associação de Mulheres mencionou que sonha com um livro que conte sua história de vida, bem como a história de vida das mulheres da Associação (que retrate suas forças e complexidades).

O próximo censo do IBGE será realizado apenas em 2020, mas, de acordo com estimativas da AMAVICA¹⁹, houve nos últimos anos um crescimento populacional significativo na comunidade, que passou de 254 domicílios subnormais, com 758 pessoas, em 2010², a 699 domicílios subnormais, com 2.989 pessoas em 2017¹⁹.

Tabela 1. Comparação de dados dos residentes na comunidade em 2010², de dados dos residentes na comunidade em 2014²⁰ e de dados dos residentes na comunidade em 2017¹⁹

DADOS		ANO 2010
Domicílios particulares ocupados em aglomerados subnormais		254
População residente em domicílios particulares ocupados em aglomerados subnormais	Total	758
Média de moradores por domicílio particular ocupado em aglomerados subnormais		3,0 (aproximadamente)
DADOS		ANO 2014
Domicílios particulares ocupados em aglomerados subnormais		458
População residente em domicílios particulares ocupados em aglomerados subnormais	Total	2.884
Média de moradores por domicílio particular ocupado em aglomerados subnormais		6,0 (aproximadamente)
DADOS		ANO 2017
Domicílios particulares ocupados em aglomerados subnormais		699
População residente em domicílios particulares ocupados em aglomerados subnormais	Total	2.989
Média de moradores por domicílio particular ocupado em aglomerados subnormais		4,0 (aproximadamente)

Observando-se os dados acima, percebe-se que entre 2010 e 2014 o número de moradores na comunidade quase quadruplicou, e o número de casas quase dobrou. Este surto de crescimento, como já mencionado, pode ser atribuído à euforia pré-Copa (2014) e Olimpíadas (2016). Após este inchaço, a comunidade viu-se esgotada, e seu crescimento estagnou-se. Esta afirmação pode ser corroborada ao realizar-se análise comparativa dos dados estatísticos de 2014 e 2017, sistematizados pela AMAVICA: contrastando com o crescimento de quase 400% nos três anos anteriores (de 2010 a 2014), entre 2014 e 2017 percebeu-se um crescimento populacional de aproximadamente 4% apenas^{2, 19,20}.

Durante as conversas, histórias bastante impactantes foram relatadas e serão a seguir narradas. Elas foram fundamentais para o delineamento das bases da pesquisa de tese que deu origem a este artigo.

A primeira história ocorreu há pouco mais de 15 anos. Chegou às mãos da líder da Associação de Mulheres um livro destes de capa grossa, decorativo, com fotos artísticas de sua comunidade. Este livro retratava a pobreza e a miséria da comunidade, e, de forma poética, mas nada lisonjeira, apresentava seus moradores. Aquelas fotos não haviam sido autorizadas – os protagonistas pareciam nem mesmo estar cientes de que fotos estavam sendo tiradas. A líder da Associação comenta que em certa ocasião um adulto deu câmeras descartáveis a algumas crianças da comunidade e pediu que elas tirassem fotos. Elas tiraram e depois devolveram as câmeras a esta pessoa, que posteriormente revelou as fotos e montou o livro. Este livro de “arte”, editado pela ONG local, é vendido até hoje em suas dependências e também fora do país. A líder da Associação comenta que sente desgosto, entre outras coisas, por conta da impotência gerada pelas exposições não autorizadas das imagens das pessoas de sua comunidade, por conta da ausência de retorno financeiro para a comunidade em decorrência de tal exposição e pela imagem distorcida de seus aspectos identitários.

A ONG local surge pelas mãos de uma família de origem italiana que já celebrava projetos e trazia muitas benesses à comunidade desde os idos da década de 1990. O patriarca desta família italiana, famoso por suas conquistas empresariais, mudou-se com os seus para área próxima à comunidade, no final da década de 1970. Inicialmente, implementou na comunidade um centro para crianças, com a colaboração de famílias italianas e de uma ONG também italiana. Posteriormente, entre outras coisas, articulou, na Prefeitura do Rio de Janeiro, o fornecimento de merenda para a escola que atendia as crianças locais e a realização de obras de contenção de encostas na comunidade²¹. Após a morte do patriarca, seus familiares acabam por assumir o legado e a ONG por ele fundada. A extraordinária atuação do patriarca desta família é, até hoje, comentada pelos locais – que

se sentem, ainda, em dívida com este homem. Os anos se passaram, as crianças e os adultos retratados no livro já envelheceram, mas muitos ainda residem na comunidade. Estes residentes que aparecem no livro da ONG e nunca autorizaram a reprodução de suas imagens sentem, assim, um misto de incômodo (pela exposição não autorizada) e resignação (por conta de gratidão para com os feitos passados e benesses que até hoje a ONG promove no local).

A segunda história ocorreu há pouco mais de 10 anos. Certa feita, uma das crianças que morava na comunidade, ao passar pelo metrô do Cantagalo (Rio de Janeiro) com sua mãe, viu-se retratada em grande quadro. Ao lado do quadro lia-se a identificação “Vila Canoas, Rio de Janeiro”. A exposição ali retratava sua comunidade, seus vizinhos, sua filha, mas não de maneira lisonjeira. E aquela foto não havia sido autorizada. Confusão, angústia e posteriormente sentimento de impotência tomaram conta da mãe. As fotos eram provenientes do livro mencionado na primeira história e ficaram expostas numa grande área da estação por um bom tempo.

Há ainda uma terceira história, que foi relatada pela pesquisadora, aluna de Serviço Social de proeminente instituição privada de ensino superior, que estava visitando a comunidade para realizar um trabalho com as integrantes da Associação de Mulheres – sublinha-se, com o aval da presidente da Associação e com respeito a todos os protocolos éticos para atuação em campo. A aluna, negra, vestia-se casualmente e carregava bolsa com apostilas que havia preparado para distribuir às participantes da reunião que conduziria em alguns momentos. Para surpresa da aluna, um homem – claramente um estrangeiro – vestido como se estivesse participando de um safári, a surpreendeu tirando sua foto de perto. A aluna assustou-se e imediatamente reagiu, pegando seu celular e fotografando o homem de volta. O homem apavorou-se. Acionou seu guia turístico e exigiu que ele solicitasse a ela que deletasse sua foto do celular. A aluna, indignada, informou a ele que apagaria a foto dele apenas se ele apagasse a foto dela da câmera, pois, caso a exposição da foto dela ocorresse de maneira indevida, ela teria registro do possível responsável. Após alguns minutos de alterações, o homem aceitou apagar a foto dela com a condição de que ela apagasse a sua foto.

Este turismo invasivo começou a ser explorado há aproximadamente 25 anos (em 1992) por um empreendedor que residia (e ainda reside) próximo à comunidade. O empreendedor explora o turismo não apenas em Vila Canoas, mas na vizinha Rocinha (e também em outras comunidades cariocas). Aparentemente, a empresa que por lá explora o turismo realizava parceria com a ONG local. Na prática, os turistas eram levados, de carro até a ONG e, durante o passeio, a eles eram ofertadas peças de artesanato local. Mas a parceria foi desfeita e as razões que motivaram o fim de tal parceria não ficaram claras.

As integrantes da Associação de Mulheres já se mobilizam e articulam conjuntamente, há anos, ações sociais que promovem o desenvolvimento da percepção da melhoria de vida na comunidade, e uma ação de parceria entre a Associação de Mulheres e a ONG local foi celebrada há alguns anos, graças a esta capacidade de atuação. Desde então, as artesãs da Associação obtiveram permissão para oferecer, nas dependências da ONG, seus trabalhos (antes aos turistas; após a recente cisão entre a ONG e a empresa que explora o turismo no local, aos que visitam a ONG). Mas, esta parceria promoveu, também, tensões. Artesões e artesãs da comunidade – não pertencentes à Associação de Mulheres – sentiram-se preteridos por não conseguirem ofertar suas obras na ONG⁶. Esta realidade acabou solidificando a cisão entre os artesões locais⁶, muito embora as integrantes da Associação sejam respeitadas e queridas na comunidade por várias razões: por serem irmãs, filhas, mães e avós dos locais, pela senioridade e pelas ações que promovem em Vila Canoas. Esta tensão acabou por somar-se à problemática do turismo invasor, que em muitos casos expropria e deslegitima os locais, do “[...] *turismo que ‘entra nas casas’, que simplesmente ‘visita e vai embora’ sem deixar nada, que se interessa apenas pelo negativo*”⁶.

CONCLUSÃO

Por ser campo de diversos projetos, Vila Canoas consta em inúmeros documentos (que podem inclusive ser encontrados em rápida busca pela internet), e tais documentos forneceram dados que subsidiaram pesquisas bibliográficas primárias e secundárias para a consolidação deste artigo e do projeto de doutorado a ele vinculado. Mas, as informações obtidas pela etapa preliminar de campo, graças às visitas à comunidade e às conversas com liderança local, foram vitais para o redesenho das bases do projeto de doutorado que deu origem a este artigo. Em projetos de cunho social, diferentes abordagens metodológicas e estratégias sempre podem ser propostas e, nesse sentido, impostas pela academia à comunidade. A etapa preliminar de campo permite que conjecturas ou percepções pré-concebidas sejam abandonadas, permite que informações não sistematizadas em documentos ou artigos, referentes ao campo, possam ser captadas. E estas informações geram fortes impactos no projeto. Foi exatamente isso que ocorreu com o projeto de doutorado que deu origem a este artigo.

E, como quando se puxa a ponta de um novelo de lã e percebe-se que ele começa a desenrolar sem embaraços, ao realizar-se a etapa preliminar de campo percebeu-se o desembaraçar da axiomática, dos caminhos metodológicos e da problemática do projeto de tese que deu origem a este artigo. A etapa preliminar de campo permitiu que, respeitando limites éticos, fossem lapidados

os elementos fundantes, basilares do projeto. Enfim, o problema, ou dificuldade teórica da pesquisa que deu origem a este artigo foi, graças aos subsídios da etapa preliminar de campo, lapidado. Antes, ele dizia respeito ao fato de que “a Associação de Mulheres de Vila Canoas possui lideranças mobilizadas, com letramento político adquirido ao longo da trajetória comunitária, mas carece de debates que promovam a ativação de processos de reflexão críticos em torno de técnicas que viabilizem mudanças, a fim de gerar mobilização não apenas pontualmente, mas estrategicamente”. Este problema parecia consistente, mas, após a etapa preliminar de campo, revelou-se falacioso. O novo problema diz respeito ao fato de que “a Associação de Mulheres possui lideranças mobilizadas, com letramento político adquirido ao longo da trajetória comunitária, mas, apesar disso, não está conseguindo fazer frente a um turismo local, que as identifica, frequentemente, de maneira oblíqua e passiva, pois não viabiliza autoexpressão. É como se suas identidades estivessem sendo adjudicadas, e identidade não pode ser adjudicada ou imposta por alguém a outrem, ao contrário, deve ser construída e reconstruída ativamente pelo próprio indivíduo”²².

Assim, por meio das histórias de vida das integrantes da Associação de Mulheres, decidiu-se estruturar um livro para contar as histórias de vida das integrantes da Associação de Mulheres, retratando suas forças e complexidades, para que elas possam expressar suas identidades, possam representar-se – inclusive para os turistas – em vez de serem representadas. Emergiu, assim, também, a crença de que a interação academia-comunidade, aqui promovida por este trabalho, poderá vir a reforçar a capacidade de autoexpressão e narração destas mulheres.

É importante ressaltar que, ao se estabelecerem tais axiomas, não se defende aqui o fenecimento do turismo local. Não é o que os locais desejam (outro achado de campo). Mas o turismo de favela em Vila Canoas, hoje, assenta-se em frágeis bases. Acredita-se: faz-se necessária uma série de estratégias que auxiliem na revisão das bases nas quais se assentam esta relação entre os locais e os visitantes. A questão é complexa e ganha proporções maiores à medida que a favela cresce. Ação pontual/isolada não ofereceria solução eficiente, mas, acredita-se que o primeiro passo a ser dado, para que um conjunto de ações transformadoras possa ser implementado – deve considerar o resgate da identidade dos locais. Diferentes estratégias poderiam ser aqui propostas e, nesse sentido, oferecidas pela academia à comunidade de Vila Canoas.

O exercício da narrativa autobiográfica, espera-se, será capaz de promover resposta eficaz ao turismo de favela que vem sendo realizado em Vila Canoas, pois propõe autodeclaração de identidade, em contraposição à imposição de percepções identitárias por parte de terceiros, que acabam por adjudicar identidades aos

loais. E identidade não pode ser adjudicada ou imposta por alguém a outrem; ao contrário, deve ser construída e reconstruída ativamente pelo próprio indivíduo²⁰. Acredita-se, assim, que a interação academia-comunidade (aqui promovida por este trabalho) poderá vir a reforçar a capacidade de autoexpressão e narração destas mulheres. Esta é a crença norteadora desta pesquisa, que procura dar conta do problema anteriormente apresentado e que desabrochou graças às influências tácitas e pragmáticas viabilizadas pela etapa preliminar de campo.

A etapa preliminar revelou-se, assim, fundamental e influenciou de forma determinante também no desenho do modelo metodológico de campo escolhido para este projeto, a saber, (i) observação participante, para captar contornos iniciais do ambiente no qual as mulheres iluminadas pelo recorte desta pesquisa estão inseridas e (ii) história oral, para captar histórias de vida inseridas em contexto social.

É de vital importância que o pesquisador, ao realizar pesquisas com seres humanos, compreenda e respeite as diretrizes estipuladas pela resolução nº510 de 7 de abril de 2016. Ética na pesquisa pode parecer um conceito abstrato, mas, quando em campo, torna-se

instrumental, pois ninguém pode ou deveria dispor de sonhos, crenças ou expectativas alheias sem cuidado ou consciência. A etapa preliminar de campo, autorizada apenas a partir de abril de 2016, por ocasião da mencionada resolução, não coloca em cheque a ética na pesquisa – ao viabilizar contato do pesquisador com seres humanos antes da aprovação das bases de sua pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição a que este pertence. Ao contrário, ao reconhecer a necessidade de atividades que o pesquisador deve desenvolver para averiguar as condições necessárias à realização de sua pesquisa, procura dar mais espaço a considerações realistas e, nesse sentido, preza pelo respeito. Este artigo procurou, por exemplificação, traduzir a importância desta etapa intitulada preliminar de campo para que contornos adequados das bases de projetos acadêmicos de cunho social possam ser definidos.

A pesquisa que deu origem a este artigo pretende, sem ingenuidade, imbuída de esperança, lidar com complexidades teóricas e de campo, não para solucionar de forma rápida o problema identificado, mas para contribuir, de forma consciente, para a melhoria das condições sociais da comunidade que servirá de campo.

Valim RLM, Maciel TMFB. The importance of preliminary fieldwork systematized by the CNS Resolution nº 510 in defining the Foundations of Psychosocial Research. *Saúde, Ética & Justiça*. 2018;23(1):11-20.

ABSTRACT: According to Article 24, Chapter V, of the Resolution No. 510 of the National Health Council, dated April 7, 2016, the steps preliminary to fieldwork do not require previous approval from the Ethics Committee. They must solely assess the feasibility of the study. Nevertheless, researchers are often unaware of this stage's existence, or its characteristics. This paper illustrates the importance of the stage preliminary to fieldwork for developing the problematics and defining the axiomatic and methodological paths of a research project. We focus on the case of the Women's Association of Vila Canoas and Pedra Bonita's resistance to the biased and stigmatized representations made of their community in the *favela* (slum) Vila Canoas. These distorted portrayals come especially from tourism activities in the *favelas*, in which people visit the communities and register the inhabitant's personal and intimate spaces without prior authorization. This paper presents the preliminary fieldwork in our research study, which consisted in a visit to the community. During this initial stage, we also talked to community leaders. All conversations were conducted without predetermined questions and were not recorded, since our intentions were to assess the necessary conditions to carry out the study. With this illustration, we attempt to prove the validity of this stage.

KEYWORDS: Social Environment; Environment; Ethics.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Conselho Nacional de Saúde (CNS). Resolução nº510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana [Internet]. Brasília; 2016 [Acesso em 2017 jun. 20]. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>
2. Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Domicílios particulares ocupados em aglomerados subnormais, 2010 [Internet]. Brasília; 2010 [Acesso em 2017 mar. 23]. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subnormais/tabelas_pdf/tab2.pdf
3. Fonseca DPR. Desenvolvimento Socioambiental Local: Uma Experiência para se ponderar. *Revista da UCPEL: Desenvolvimento Socioambiental Local* [Internet]. 2007 [Acesso em 2017 mar. 14]; 13(1):183-203. Disponível em: <http://revistas.ucpel.tche.br/index.php/rsd/article/viewFile/420/374>
4. Google Maps. Rocinha, Rio de Janeiro, RJ [Internet].

- Google, 2017a [Acesso em 2017 mar. 14]. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Rocinha,+Rio+de+Janeiro+-+RJ/@-22.9898278,-43.2572867,15z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x9bd427adbbaeb:0x4cf95af6dc0096b9!8m2!3d-22.9879841!4d-43.2479825>
5. Rodrigues S, Magalhães ML. Feminização do poder, um estudo das recentes transformações de conteúdos e práticas políticas comunitárias em Vila Canoas [Internet]. Departamento de Serviço Social; 2008 [Acesso em 2017 set. 14]. Disponível em: http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2009/relatorio/ser/suely.pdf
6. Machado D. Turismo de Favela e Desenvolvimento Sustentável [Dissertação]. Rio de Janeiro: Departamento de Serviço Social - PUC-Rio; 2007.
7. Carvalho SA. Análise dos aspectos morfológicos e da apropriação da paisagem em duas praças da favela de vila canoas – uma reflexão sobre a intervenção do programa bairrinho no Rio de Janeiro. *Revista paisagem ambiente*. 2010; 27:31-52. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i27p31-52>
8. Carvalho SA, Santos M. Inadequação habitacional em favelas urbanizadas – Um desafio para a sustentabilidade urbana no Rio de Janeiro, Brasil. In: Workshop: Housing and sustainable urbanisation in developing countries [Internet]. Rio de Janeiro; 2012 [Acesso em 2017 jun. 20]. Disponível em: <https://rededepesquisasemfavelas.files.wordpress.com/2012/05/305.pdf>
9. Rio de Janeiro. São Conrado - O portal do Rio, o portal da cidade maravilhosa. [Internet]. Rio de Janeiro; 2017a [Acesso em 2017 mar. 14]. Disponível em: <http://www.oriodejaneiro.com/sao-conrado/>
10. Rio de Janeiro. São Conrado - Rio Prefeitura, Bairros cariocas [Internet]. Rio de Janeiro, 2017b [Acesso em 2017 mar. 14]. Disponível em: http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros-cariocas/index_bairro.htm
11. Nóbrega R, Daflon VT. Da escravidão às migrações: raça e etnicidade nas relações de trabalho no Brasil. [Internet]. Latin American Studies Association; 2009. [Acesso em 2017 jun. 20]. Disponível em: http://www.academia.edu/541987/Da_escravid%C3%A3o_%C3%A0s_migra%C3%A7%C3%B5es_ra%C3%A7a_e_etnicidade_nas_rela%C3%A7%C3%B5es_de_trabalho_no_Brasil
12. Google Maps. Vila Canoas, Rio de Janeiro, RJ [Internet]. Google, 2017b [Acesso em 2017 mar. 14]. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Vila+Canoas,+Rio+de+Janeiro+-+RJ/@-22.9944903,-43.272641,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x9bd6b8b2c8c781:0x58c3b15525205f72!8m2!3d-22.9943657!4d-43.2707354>
13. Magalhães LE. Vila Canoas: especulação imobiliária leva Paes a desistir de gabarito em favela de São Conrado [Internet]. *Jornal Extra*; 2011 abr. 12 [Acesso em 2017 mar. 14]. Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/rio/vila-canoas-especulacao-imobiliaria-leva-paes-desistir-de-gabarito-em-favela-de-sao-conrado-1579761.html#ixzz4bu042SuP>
14. Magalhães LE. Risco na Vila Canoas é problema ainda sem solução [Internet]. *Globo.com*; 2014 abr. 2 [Acesso em 2017 mar. 14]. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/risco-na-vila-canoas-problema-ainda-sem-solucao-12062517#ixzz4bu14NgPD>
15. Moraes R. A aquisição de letramento nas transformações dos conteúdos e das práticas políticas comunitárias com base em uma nova heterogeneidade do conhecimento e da informação [Relatório de pós-doutorado]. Rio de Janeiro: IBICT; 2010 [Acesso em 2017 jun. 20]. Disponível em: http://www.ibict.br/capitacao-e-ensino/pesquisa-em-ciencia-da-informacao/pos-doutorado/pesquisas-concluidas-1/aquisicao-de-201cletramento201d-nas-transformacoes-dos-conteudos-e-das-praticas-politicas-comunitarias-com-base-em-uma-nova-heterogeneidade-do-conhecimento-e-da-informacao/Regina%20Moraes_Relatorio%20Pos-Doutorado.pdf
16. Habermas J. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1984.
17. Sennet R. O Declínio do Homem Público - As Tirânicas da Intimidade. São Paulo: Companhia das Letras; 1993.
18. Acioli BPL, Silva LAD, Souza JNS. O Consumo no turismo de favelas da cidade do Rio de Janeiro: uma análise da percepção e construção de valor entre o observador e o observado. In: XI Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia (SEGeT) [Internet]. Resende-RJ: AEDB; 2014. [Acesso em 2017 jun. 20]. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/46020598.pdf>
19. AMAVICA. Dados dos residentes à comunidade de Vila Canoas, sistematizados pela Associação de Moradores de Vila Canoas e Pedra Bonita de 2017. Rio de Janeiro: AMAVICA; 2017.
20. AMAVICA. Dados dos residentes à comunidade de Vila Canoas, sistematizados pela Associação de Moradores de Vila Canoas e Pedra Bonita de 2014. Rio de Janeiro: AMAVICA; 2014.
21. Para Ti ONG. História [Homepage da Internet]. Rio de Janeiro [Acesso em 2017 out. 18]. Disponível em: <http://www.parationg.org/pt/la-storia>
22. Dubar CA socialização: construção das identidades sociais e profissionais. Portugal: Porto editora; 1997.

Recebido para publicação: 12/06/2018

Aceito para publicação: 19/07/2018